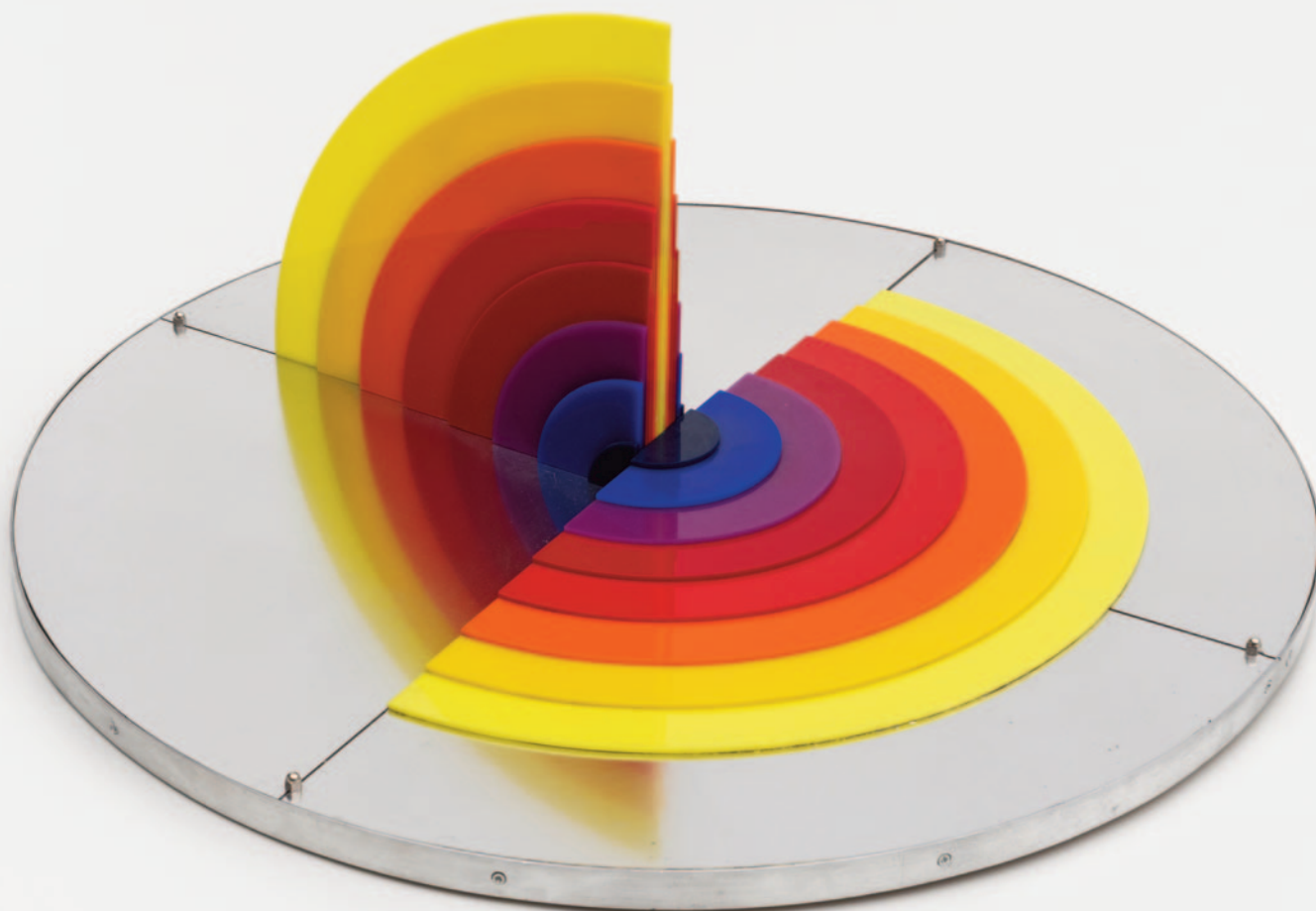


Edival Ramosa em "Alfabeto Solare" na Galatea, SP

Curada por André Pitó, seleção acompanha as passagens de Ramosa entre Brasil e Europa – e seus desdobramentos na construção de sua linguagem visual





Edival Ramosa fez da experimentação uma dimensão central de sua obra; retomava continuamente formas, materiais e procedimentos, numa trajetória marcada pela circulação entre o Brasil e diferentes países, ao longo das décadas de 1960 e de 2010. Esse aspecto é retomado em *Alfabeto Solare*, nova exposição do artista na Galatea. Sob a curadoria de André Pitol, estudioso da obra de Ramosa, a individual reúne pinturas, esculturas, objetos e desenhos produzidos ao longo dessas quase cinco décadas. Parte do conjunto apresentado integrou a 36ª Bienal de São Paulo, marco recente do processo de retomada crítica da obra do artista.

Alfabeto Solare resgata trabalhos que permaneceram por longo período espalhados por diversas coleções, no Brasil e no exterior. O conjunto propõe uma leitura relevante da obra de Ramosa – e aproxima trabalhos que situam, em períodos, as elaborações e interesses estéticos do artista. “Acompanhar a forma como Ramosa pensava a geometria nos anos 1960 e ver como essa investigação retorna décadas depois, em situações completamente diferentes, nos permite perceber a continuidade dessa pesquisa, que se aprofundou ao longo

do tempo” – afirma o curador. A primeira etapa da pesquisa de André Pitol resultou na exposição *A parábola do Progresso*, no Sesc Pompéia em 2022, com coordenação curatorial de Lisette Lagnado, que apresentou o núcleo documental “*Afropindorama*”, dedicado à produção de Ramosa.

A obra do artista foi profundamente marcada pela vivência em diversos territórios intercontinentais, nos continentes africano e europeu. Entre 1964 e 1974, viveu em Milão, onde trabalhou nos ateliês de Lucio Fontana, Arnaldo Pomodoro e Enrico Baj – e realizou naquela cidade sua primeira individual, em 1965. A convivência com o ambiente industrial e experimental da cidade italiana registra a incorporação de materiais como madeira, aço inoxidável e plexiglass – que marcaram o percurso e a prática artística de Ramosa em construções escultóricas que aproximam geometria, cor e experimentações com uma gama complexa de materialidades.

Ao retornar ao Brasil, após intensa temporada no continente europeu, Ramosa manteve circulação por cidades

como Cuiabá, Belém, Ribeirão Preto, Brasília e Ubatuba. Nesse período, sua obra passa a incorporar também materiais orgânicos e referências ligadas às culturas afro-indígenas.

– *É difícil pensar a obra de Edival Ramosa a partir de trabalhos isolados* – comenta André Pitol. A repetição e transformação de determinados elementos geométricos, assim como o uso intenso da cor, aproximam trabalhos realizados em momentos bastante afastados entre si.

O título *Alfabeto Solare* deriva de referências recorrentes na obra do artista. Entre elas está a escultura *Estudo para o Sol* (1969), concebida durante sua estadia italiana, apresentada recentemente na 36ª Bienal de São Paulo – e agora reunida às obras centrais da exposição. O título da mostra faz referência, também, ao

livro homônimo do poeta e crítico Guido Balla, interlocutor próximo de Ramosa naquele período.

Em *Alfabeto Solare*, a constelação de trabalhos evidencia o modo como Edival Ramosa retornava continuamente a imagens, materiais e procedimentos, reorganizando elementos de sua pesquisa em fases distintas de sua trajetória. Revisitar esse conjunto dez anos após sua morte nos permite perceber um percurso avesso à ideia de conclusão, no qual cada retomada reabria sentidos e instaurava novas possibilidades de leitura.

SOBRE O ARTISTA

“Nascido de mãe negra, filha de índios e de pai filho de negra da África de pai português”, como se autodefinia Edival Ramosa (1940, São Gonçalo, RJ-2015, Niterói, RJ) foi um artista incontornável na produção abstrata ge-

Foto: Ding Musa



ométrica. Participou do Batalhão Suez, na Força de Paz da ONU que atuou na Ásia Ocidental, em 1962. A vivência na região mediterrânea e as viagens que realizou a partir de então a diferentes cidades do Norte da África e Europa influenciaram decisivamente o seu pensamento e prática artística.

A influência de correntes da arte europeia e norte-americana no pós-guerra está presente nas investigações de Ramosa em torno de um estilo construtivista – com jogos ópticos e referências à visualidade urbana, no uso de materiais como madeira esmaltada, aço inoxidável e acrílico. Elementos como esferas, casulos, luas, cometas, sóis e outros “*objetos-forma*” – como o artista descrevia muitas de suas peças – ocuparam lugar central em sua produção. A partir da década de 1970, integrou à sua prática referências da estética indígena e afro-brasileira, ao empregar materiais como palha, peles, plumagens, miçangas e bambus.

O artista participou das principais exposições dedicadas à arte contemporânea ligadas à diáspora africana dos anos 1970 e 1980, como *A Mão Afro-Brasileira* (São Paulo, 1988) e *Introspectives: Contemporary Art by Americans and Brazilians of African descent* (Los Angeles/Nova York, 1989) – entre dezenas de outras, inclusive *Os Herdeiros da Noite: fragmentos do imaginário negro*, na Pinacoteca de São Paulo (1994).

Obras do artista integram inúmeras coleções públicas e privadas.



Foto: Ding Musa

SERVIÇO

Edival Ramosa – Alfabeto Solare

Até 25 de julho

Galatea Oscar Freire

R. Oscar Freire, 379, Lj.01, Jardins, São Paulo / SP

Dias/Horários: segunda a quinta, das 10h às 19h;

sexta, das 10h às 18h; sábado, das 11h às 17h

Ingresso: gratuito

<https://www.galatea.art/>